

# **CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS CEA**

## **Personagens e Problemas no Nascimento da Comunhão Anglicana**

Dom Sumio Takatsu \*

Nosso propósito é apresentar uma ligeira avaliação das teologias desenvolvidas na Comunhão Anglicana. Para se delimitar melhor o escopo, nosso objetivo é perguntar pelas influências teológicas que contribuíram para a definição de um método anglicano de discutir teologia e que se expressa nos documentos das Conferências de Lambeth, do Conselho Consultivo Anglicano desde a sua criação no início da década de 70 e em algumas pessoas que contribuíram de modo importante na formulação desses documentos.

### **Algumas perguntas relacionadas com esta proposta.**

Na proposta deste ensaio coincidem a Comunhão Anglicana e o surgimento das Conferências de Lambeth? Se esse for o caso, a Comunhão Anglicana não existiu antes do surgimento das Conferências de Lambeth ?

A Igreja da Inglaterra, a mais antiga dentre as Igrejas da Comunhão Anglicana existiu desde os primeiros séculos da história cristã e acredita estar em continuidade com aquela Igreja e ter incorporado os princípios da Reforma do século XVI. E antes do século XVIII, já existiam outras Igrejas de nossa Comunhão em outras Ilhas Britânicas, além da Inglaterra. Também já estavam organizadas as Igrejas que surgiram ou pelas missões ou pelas migrações, a partir das Ilhas Britânicas, em outros continentes como na América, na Oceania, na África e no Oriente.

Não havia ainda uma organização formal entre as Igrejas, que surgiram das Ilhas Britânicas, mas tudo indica que a troca de experiências era frutífera, principalmente na área da organização sinodal da Igreja, que inclui o laicato. Esta experiência teve o seu começo na Igreja nos Estados Unidos e passou para a Igreja no Canadá e para a Igreja na Nova Zelândia e, por fim, começou a influir na Igreja da Inglaterra. Havia, outrora, a *Convocação* e ela remonta ao tempo anterior à Reforma. Tudo indica que, com duas câmaras, e sem a participação do laicato, havia impasses e frustrações, e a participação leiga só começou na década de 70. É uma parte da história da Igreja que merece maior

---

\* O autor foi bispo diocesano da Diocese Anglicana de São Paulo. Atualmente é professor do IAET e assessor teológico do CEA.

atenção. A participação leiga no Sínodo foi uma nova experiência anglicana, que surgiu num novo contexto histórico e cultural.

Nesse contexto de colonização dos países da África e da América Latina por parte dos países europeus e britânicos e da América do Norte, e de missões cristãs toma-se a consciência da Comunhão Anglicana e se organiza a 1ª Conferência dos Bispos das Igrejas da Comunhão Anglicana.

No interior da Comunhão Anglicana há, pelo menos, três movimentos que influíram direta ou indiretamente nas Igrejas que vieram expressar como a Comunhão Anglicana, aos quais devemos fazer breves referências:

- 1) Evangélico,
- 2) católico
- 3) liberal.

Esses movimentos estavam intimamente relacionados com a vida nacional da Inglaterra, com as crises políticas, as mudanças sociais, econômicas e culturais que estavam ocorrendo na Europa em geral. Tinham a ver com os temores da descristianização ou a secularização em processo. Em outras palavras, esses movimentos religiosos ou eclesiais tinham facetas políticas, culturais, sociais e econômicas.

O puritanismo, a raiz do movimento evangélico, na Inglaterra, foi uma tentativa de influenciar no interior do Estabelecimento para utilizá-lo com a finalidade de promover o seu ideal sócio-religioso. Em 1642 o movimento puritano majoritário no parlamento liderado por Oliver Cromwell destronou o rei Carlos I. Essa foi uma ação claramente política.

Hoje, o puritanismo é conhecido como ideal de pureza moral, um tipo rigoroso de espiritualidade, que nega a mundanidade dos cristãos. Na época adquiriu uma conotação político-religiosa. Na época de Elizabeth I, os puritanos ficaram decepcionados com a posição "via média" do anglicanismo. Para eles, a Inglaterra e a Igreja deveriam ser reformadas radicalmente, de acordo com a visão puritana. Havia ainda muito "romanismo", diziam eles. Richard Hooker (1554-1600) foi um dos arquitetos da via-média entre Roma e Genebra e também do trinômio "Bíblia, Tradição e Razão" com sua obra *Política Eclesiástica ou Leis Eclesiásticas* (1593-1597).

O movimento puritano estava associado com a ascensão de uma nova classe social. A nova classe estava entrando nas universidades e no Parlamento. Assim, o movimento puritano, por meio da classe em ascensão, penetrou nas universidades e também tomou conta do Parlamento.

## Tiago I (ou Jaime I) e Movimento Puritano

Com a morte de Elizabeth I (1603), Jaime I, filho da rainha Maria dos escoceses e que havia sido coroado, quando criança, como Jaime VI da Escócia, foi convidado a unir as duas coroas. Diz Moorman que Jaime I, que não sabia ser outra coisa senão rei, e achou excelente a idéia. Trabalhou com a doutrina vigente na época, o "Direito divino dos Reis", isto é, o monarca só presta contas a Deus e ninguém mais. Aliás, Carlos II, apreciou essa doutrina, e a declarou nos termos acima, na sua coroação. Para os súditos, essa doutrina implica na obediência passiva, isto é, sem resistência.

O monarca procurou fortalecer a sua posição com a Igreja, especialmente o alto clero. Havia muitos bispos na Câmara Alta. Também havia, na Câmara dos Comuns, padres e bispos. O monarca tinha a percepção de que o *Livro de Oração Comum* seria uma espécie de estandarte para conseguir o apoio da Igreja contra o movimento centrado em torno do Parlamento, pois, com a exceção dos católicos romanos e puritanos, o *Livro de Oração Comum* era aceito como um instrumento formador da eclesialidade e cidadania da comunidade inglesa. Com isso o que se quer dizer é que as "divisões" e os possíveis reagrupamentos do povo, das instituições e movimentos envolviam vários fatores, que não se limitavam só às doutrinas ou só aos aspectos sócio-econômicos.

Embora filho de católica romana, o rei Jaime não se mostrou simpatizante aberto de Roma. Mostrou-se tolerante para com os "papistas" como diziam na época. Do lado oposto houve a suspeita de que o rei estivesse favorecendo os católicos romanos na nomeação para as cadeiras nas Universidades de Oxford e Cambridge. Isso, é claro, exacerbou a oposição. Também houve um grupo de fanáticos católicos-romanos que planejou destruir a alta liderança, inclusive o rei com um atentado. Isso levou o monarca a agir contra os católicos-romanos. Também, nessa época o poeta John Donne ("Homem algum é uma Ilha"), que nasceu católico romano veio a ser ordenado Presbítero da Igreja da Inglaterra.

Ocorreram também, decepções por parte dos puritanos, pois como o rei vinha da Escócia, os puritanos achavam que o monarca poderia retirar do *Livro de Oração Comum* o que, na visão deles, seria "papismo". A objeção exposta na *Petição dos Mil* (clérigos) apresentada ao rei consta do sinal da Cruz no Batismo, do uso da sobrepeliz, da vênia quando se pronuncia o nome de Jesus e da leitura dos Apócrifos. Essa petição terminou em frustração porque o rei enviou a Petição a uma conferência, em que ele mesmo tomou parte e houve mais acréscimos no *Livro de Oração Comum* que desagradaram os peticionários. Entre os decepcionados estavam os peregrinos que desembarcaram nas praias de Massachussets em 11 de novembro de 1620. Diga-se de passagem que, na América, nasceu e cresceu a Igreja Episcopal,

que adotou, posteriormente, sistema sinodal de governo da Igreja, na Convenção Geral de Filadélfia, em 27 de setembro de 1785 e teve papel preponderante na formação desse estilo eclesial em outras Igrejas da Comunhão Anglicana.

É nesse contexto britânico que se forja a via média anglicana - católica e reformada ou reformada-católica. Contribuíram para isso Richard Hooker, Richard Bancroft (bispo de Londres e, posteriormente, arcebispo de Cantuária, responsável pela tradução da versão do Rei Tiago ou *King James' Version*), Lancelot Andrewes, Jeremy Taylor, John Cosin, George Hebert, Thomas Ken e outros.

A construção da via-média não se deu harmoniosamente, mas através de avanços e retrocessos, num mar meio tempestuoso. E continua sendo um processo não tão fácil, mas promissor para os que nele estão envolvidos.

O sucessor do rei Tiago I, Carlos I agravou o seu relacionamento com o Parlamento e com o baixo clero, exagerando a doutrina do Direito divino dos Reis. O resultado disso foi seu destronamento. Com isso o Parlamento teve poder e o anglicanismo foi substituído pelo presbiterianismo. Se o monarca foi despótico, o parlamento não deixou de ser despótico. Sob o poder de Oliver Cromwell houve tolerância para as congregações determinarem sua forma de liturgia, contanto que essa liberdade não fosse estendida aos bispos, nem ao catolicismo romano nem ao anglicanismo. Nesse período o *Livro de Oração Comum* sobreviveu nas capelanias das famílias que desejavam a preservação do cristianismo expresso no *Livro de Oração Comum*, no exílio e na corte de Carlos II no exterior. O Parlamento trouxe de volta o rei Carlos II em 1660 e com isso houve a restauração do anglicanismo.

Se o Arcebispo de Cantuária, Thomas Cranmer e outros, foram martirizados no período da rainha Maria com o retorno do poder papal, um outro Arcebispo de Cantuária, William Laud, foi martirizado no período calvinista. Há esses fatos nacionais da Inglaterra. E a Igreja da Inglaterra teve papel preponderante nesses acontecimentos por ser a Igreja da maioria e intimamente relacionada com a vida nacional.

Tiago II (Jaime II) havia tomado medidas que favoreceram o comércio e as imigrações e, ao mesmo tempo, suspendeu as penalidades contra os não-conformistas. E isso viria enfraquecer as medidas legislativas tomadas no reinado anterior. O Arcebispo e seis outros bispos solicitaram a revogação da medida (*Declaração de Indulgência, 1687*). Não sendo atendidos, foram confinados em uma torre. Com o nascimento do futuro rei, na véspera do julgamento dos bispos, houve um movimento para convidar William de Orange, holandês casado com Mary, filha de Tiago com a rainha anterior. Sendo William um calvinista e Mary, uma anglicana devota, isso pareceu bem à maioria da Igreja e da sociedade.

Porém, o fato de Tiago não ter abdicado ao trono criou problemas para quem se firmava naquela doutrina do Direito Divino dos Reis e conseqüente

obediência passiva dos súditos. Assim, os quatrocentos clérigos e seis bispos, inclusive o Arcebispo de Cantuária se constituíram em "Non-Jurors". Em 1689 (01/08) eles foram suspensos. Era para eles uma questão de consciência. Esse acontecimento suscitou algumas questões como: com que autoridade se depõem os bispos? quem vai nomear novos bispos? Por isso, houve um período de vacância. Com o preenchimento das vacâncias surgiu o grupo de Non-Jurors. Houve um certo tipo de cisma.

Nesse período surgiram obras de um anglicano, Herbert Croft - "*A verdade nua*", "*O verdadeiro estado da Igreja Primitiva*", (1675) de um quaker, William Penn, "*O Grande caso da liberdade da consciência*" (1671) e de um filósofo, John Locke, "*Cartas de Tolerância*" (1689-92).

Já no período da Revolução e da Restauração a questão da tolerância estava no ar. E o Parlamento passou um *Ato de Tolerância*, porém muito limitado. Contudo foi início da tolerância para com a minoria religiosa.

No período de William III e Ana (1702), a vida religiosa na Inglaterra era melhor do que a histórica eclesiástica. A partir de 1678 as associações religiosas de jovens vieram a ter a admiração dos mais idosos pela sua piedade e espiritualidade. Em Londres havia sociedades religiosas com os ministros ordenados da Igreja que se comprometiam com a comunhão semanal ou mensal. Samuel Wesley, pai de João e Carlos, era um dos que apoiavam essas associações.

Nesse período foram fundadas a SPCK (1698) e a SPG (1701), as sociedades missionárias mais antigas da Igreja da Inglaterra. Posteriormente SPG fundiu-se com uma outra sociedade missionária e veio a ser USPG. Nessa época houve, também, o surgimento do espírito humanitário, movimento de edificação moral.

Na política, os *Tories* tinham influência e tinham de fazer aliança com o segmento ou partido *High Church* na Igreja. Na Inglaterra sempre houve alternância entre Tory e Whig, sendo o primeiro defensor das prerrogativas extremas da coroa (atualmente o Partido Conservador, e o segundo, partido progressista ou liberal, tradicionalmente defensor dos dissidentes e da livre imprensa.

Ao contrário do que se pensa, os movimentos *High Church* e *Low Church* não estão necessariamente vinculados às políticas Tory e Whig ou à classe social. O que diferencia *High Church* e *Low Church* são questões mais doutrinárias, particularmente eclesiológicas. Nesse período, entre os da *High Church* havia figuras influentes que eram "Tory". E, noutros tempos, houve anglo-católicos "Whig". É bom observar que com esses "partidos" houve alternância em meio aos conflitos e houve quem procurasse o caminho da tolerância. Na área eclesial, esses são os católicos liberais e os evangélicos liberais. Esses são considerados tradicionalmente de *Broad Church*. No trinômio Escrituras, Tradição e Razão (fatores culturais) e experiência, (já não mais trinômio), esses dão devida e até exagerada importância, em alguns

casos, à dimensão da razão, às ciências e à experiência. Atualmente, o atual arcebispo de York representa o liberal com certa inclinação evangélica. Porém, é alvo de críticas tanto da parte dos evangélicos quanto da linha anglo-católica.

Cada posição tem sua contribuição e apresenta seus problemas. O encontro dessas posições não era, na época muito harmonioso. Por exemplo, o Bispo Hoardly expunha a visão do Reino de Deus de tal maneira que, aos olhos do movimento *High Church*, enfraquecia a doutrina da Igreja visível continuadora e extensão da encarnação. Isso veio a ser objeto de calorosos debates na Convocação e chegou até suspender a sessão por muitos anos <sup>1</sup>. Tudo parece indicar que uma figura como Hoardly veio a ser uma ponte entre Whig e a Igreja. Aqui é interessante ver a observação de Moorman sobre a impressão que Guilherme de Orange, vindo da Holanda e de família calvinista, teve da Igreja da Inglaterra. Para ele a Igreja tinha feições católicas, mas também tinha o lado calvinista. E ele ficava confuso. Diante dessa observação a reação anglicana em nossos dias é diversa: uns gostam e dão risada, e outros ficam bravos.

O período em apreço foi aparentemente pacífico. A nova classe burguesa estava em ascensão. Em certos setores havia sinais de abundância. Isso refletia também na Igreja, em nível paroquial e diocesano. Bispo Moorman traz no seu livro referências a seis mil paróquias com menos de 50 libras anuais para pagar o seu clero. Por outro lado, havia dioceses com cinco mil libras. Uns tinham de se desdobrar em mais de um trabalho para poder viver; outros tinham tempo demais. Havia bispos e clérigos que, por funções políticas, viviam em Londres uns oito meses por ano. Então, pode-se ver o problema pastoral que a Igreja enfrentava. Também a disparidade nos recursos levava o clero e os bispos a ficar de olho nas vacâncias das dioceses e paróquias com melhores recursos. No entanto, houve clérigos abnegados nas zonas rurais que muito contribuíram para a vida da Igreja.

Então, o consumismo em determinada camada social, a conseqüente mundanidade e frivolidade, a insatisfação dentro da Igreja por todos esse estado eclesial acima descrito, o barulho da Revolução Francesa e depois Americana propiciaram a crítica à teologia e pastoral da *Broad Church*. Como foi dito anteriormente, surgiram nessa época as associações religiosas e elas facilitaram o movimento evangélico anglicano inspirado pelos Wesley.

### Movimentos dos evangélicos e tratarianos (1767ss) Século XVII

O movimento evangélico encetado pelos irmãos Wesley é eucarístico <sup>2</sup>. Em contraste com a maioria da Igreja da Inglaterra eles queriam a celebração dominical da Eucaristia e queriam ter muito mais clérigos para tanto. Carlos e João escreveram vários hinos eucarísticos.

<sup>1</sup> MOORMAN, J.R.H. *A History of the Church of England*, Londres: Adam and Charles Black, 1954, p. 276.

<sup>2</sup> CROCKETT, in *The Study of Anglicanism* (Ed. by SYKES and BOOTY). London, SPCK, 1988, p. 277.

O movimento evangélico anglicano influenciado pelos Wesley foi mais um protesto contra: (a) frivolidade e dissipação, esbanjamento, consumismo da sociedade do século XVII. (b) contra o mundanismo aberto da Igreja e a pobreza teológica. Eram puritanos, interessados mais na conversão pessoal.

A ênfase dada pelos que foram "acordados" pelo Evangelho foi a conversão pessoal, a supremacia das Escrituras, a doutrina da justificação pela fé, a centralidade da expiação e santificação do Espírito Santo. Embora influenciados pelos calvinistas recusaram aceitar a predestinação e afirmaram a morte de Cristo em favor de todos. E, ao invés de recorrer aos escritos teológicos de Calvino, apoiaram-se nos formulários anglicanos. Dos wesleyanos, os anglicanos evangélicos se diferiram na doutrina da perfeição cristã e da certeza da salvação, considerando-as subjetivas. Por que? A busca da perfeição cristã está em todos os tipos de cristianismo. O LOC expressa o ensino bíblico em termos de amor perfeito para com Deus, "que amemos perfeitamente e dignamente engrandecemos o teu santo Nome". Esse é o alvo da vida cristã. Paulo, em 1Co 13, fala na perfeição do amor, embora imperfeito agora. Esse é o caminho e o alvo da vida cristã. Na história cristã houve sempre misticismos que ressaltavam o progresso da alma na união com Deus. William Law, por exemplo, escreveu *Perfeição Cristã*, (1726) e *Chamada séria para a vida devota e santa*. Nessas obras William Law tratou da prática da vida cristã como a imitação de Cristo na vida diária. As características dessa vida são a humildade, abnegação, pobreza de espírito e afeição celestial. No que os evangélicos se diferiam dos wesleyanos? Eles viram em Wesley que o Espírito Santo pode fazer a doação do dom da perfeição e o cristão maduro poderá entrar instantaneamente na perfeição como salvação. Isso foi considerado subjetivismo por muitos.

Outro ponto de divergência foi a questão da conversão instantânea. No que se referia ao aspecto institucional também havia divergências. Embora houvesse inicialmente pregadores itinerantes, os anglicanos mantinham o sistema paroquial. Chegaram à conclusão de que para se ter seu lugar na Igreja da Inglaterra era preciso formar-se na ordem eclesial existente.

Os evangélicos fundaram a Sociedade Missionária da Igreja em 1799. A ela está associado o nome de C. Simeon, figura influente no King's College, em Cambridge. Vários nomes de vulto aparecem nesse movimento, entre os quais William Wilberforce, que batalhou muito pela abolição do comércio de escravos no império britânico.

Os leigos e as mulheres também tiveram papel importante. Entre as mulheres, destacou-se a condessa Selina Huntingdom (1709-91). Sabedora de que o movimento estava avançando entre os pobres, ela procurou estender o movimento entre gente de sua classe. Para tanto despendeu muito tempo e dinheiro. Fundou um Seminário em Gales. Seu grande defeito, porém, era presidir em todos os lugares onde havia sua influência com a autoridade de um papa. A ela está associado o nome de Hannah More,

O movimento evangélico teve muito zelo missionário e dedicou-se à filantropia entre os pobres. Os indivíduos eram importantes. Como foi dito anteriormente, eles eram zelosos na questão da salvação pessoal. No entanto, eram fracos no que se refere à dimensão comunitária da Igreja e à vida sacramental. Não tinham muita propensão para pensar a relação entre a Igreja e a Sociedade, a Igreja e o Estado.

Os evangélicos deram-se muito às orações e auto-exame à luz da Cruz e do Juízo Final. Essa piedade incluía as leituras bíblicas nas famílias com os empregados. Conforme Hannah More, literata e versada em teatro, a piedade é o melhor princípio da conduta moral. Porém, para ela o cristianismo não era uma série de regras para a conduta. O Evangelho é anterior a uma boa conduta. E o todo da religião não se esgota na moralidade.

Os evangélicos não contribuíram diretamente para reformas estruturais da sociedade. No caso da abolição do comércio foram instrumentos para tanto. A preocupação deles era mais pelas almas dos escravos que deveriam ser salvos. Consta que a maior contribuição da Hannah More foi o seu escrito que mostrou aos pobres que os ricos não eram inocentes. Também, ao se dedicarem à educação dos pobres, eles contribuíram, para mais tarde, articular a língua e o conhecimento para o protesto contra a desigualdade e injustiça. Indiretamente, o ensino da santidade de todas as almas levou os pobres a lutar pela igualdade.

Muitos evangélicos eram defensores do *Livro de Oração Comum*. Charles Simeon, por exemplo, dizia que a espiritualidade do *Livro de Oração Comum* é elevar a mente ao Santo Lugar e construir a nossa vida em Cristo. Embora não considerasse o *Livro de Oração Comum* perfeito, o grave defeito que ele percebia nos corações dos que resistiam ao LOC era a resistência ao poder da liturgia. O LOC trazia para ele o desafio aos evangélicos anglicanos que buscavam a sua salvação pessoal. Sem esse desafio a procura da salvação torna-se uma procura egoísta.

A despeito da pregação e do zelo missionário e com alguns resultados, os vícios antigos permaneciam. A questão da desigualdade que remonta ao tempo do feudalismo ainda continuava. E muito das reformas exigiam ações políticas. E a Igreja com sua "aliança" com o Estado a deixava inerte. Então, essa aliança veio a ser objeto de insatisfação. O palácio episcopal de Bristol e Exeter foram incendiados em protesto.

Nessa situação os liberais prepararam a reforma de 1832. Como parte da medida foram reorganizadas as dioceses e catedrais e a disparidade foi reduzida. Com isso a Igreja se manteve como a Igreja oficial da Inglaterra. Era preciso que a Igreja fosse sacudida e passasse por uma renovação. Alec Vidler considera que, por volta, de 1830, a Igreja da Inglaterra recebeu um novo alento<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> VIDLER, Alec R. *Igreja numa Era de Revolução*.



Nesta questão da "aliança" é que começou a reflexão sobre a natureza da Igreja. É claro que esse movimento partiu de uma diferente questão e diferentes pressupostos. Conforme Moormann, a crítica se dirigia aos estadistas cristãos que eram levados pela opinião pública a tomar decisões sobre a Igreja como se essa fosse uma instituição nacional. Pensando na sua respeitabilidade sob essa ótica, ao invés de tratá-la como instituição de origem divina. Em outras palavras, essa crítica se resumia nisto: "tirem as mãos da Igreja".

### Igreja da Inglaterra no século XVIII

Com a finalidade de entender um pouco a época em que a Comunhão Anglicana veio a expressar-se através da Conferência de Lambeth, vamos recorrer à descrição da situação em que vivia a Igreja da Inglaterra no início do século XVIII. Diz Cragg que a Igreja da Inglaterra tinha, nesse período "sólidos méritos e faltas indubitáveis"<sup>4</sup>. Porém, antes de chegar à aparente calma, é bom observar algumas crises.

Vários movimentos sociais, eclesiais, missionários e teológicos, problemas, e decisões sinodais das Igrejas que surgiram da Igreja da Inglaterra influíram para a convocação da Conferência dos Bispos diocesanos dessas Igrejas em 1867.

Mencionamos anteriormente o movimento evangélico e o movimento católico, mais conhecido como "Movimento de Oxford" ou Panfletários (*Tractarians*), porque escreviam panfletos como os evangélicos fizeram. Os panfletos faziam parte da cultura daquela época.

Este movimento surgiu como crítica à Igreja erastiana da época. Este termo vem de um teólogo suíço de nome Thomas Erastus (1524-83), para quem o estado tem o direito de se intrometer nos negócios da Igreja e revogar suas decisões. Há algo de erastianismo na Igreja da Inglaterra. Para manter a integridade da Igreja os membros do Movimento de Oxford concentraram-se na cláusula "Cremos na Igreja Una" do Credo e na doutrina da sucessão apostólica.

O Movimento de Oxford começou em 1833 com o discurso de John Keeble. Oxford era, naquela época, o centro do pensamento anglicano, porém remoto e cheio de conservadores. Contudo havia liberais prontos para criticar os evangélicos e católicos. Na época eram os mais progressistas e se concentravam no Oriel, um famoso College de Oxford. Eram provocativos e estimulantes.

---

<sup>4</sup>CRAGG, G.R. *A Igreja e a Idade de Razão* (1648-1789) Série Pelicano, p. 120.

Keble veio da tradição dos teólogos carolíngios. Considerava-se discípulo de Richard Hooker, a via média. Era professor de poesia. Com ele estavam H. R. Froude, especializado em pensamento francês, E.B. Pusey, professor de Hebraico e Henry Newman, o qual veio do evangelicalismo e posteriormente tornou-se cardeal da Igreja Católica Romana.

Como eles estavam localizados em Oxford e se dirigiam aos intelectuais por meio de tratados ou panfletos, foram denominados de tractarians, panfletários ou simplesmente do "Movimento de Oxford". O período deles vai de 1833 a 1845. O movimento se concentrou numa única cláusula do Credo: "Creio na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica" e enfatizou a sucessão apostólica.

John Keble, em seu sermão intitulado "Apostasia Nacional", teceu críticas aos estadistas cristãos que, influenciados pela opinião pública estavam legislando contra a Igreja. Afirmava ele que a Igreja merecia respeito não como uma instituição nacional, mas como um instrumento da vontade divina. A interferência dos leigos na autoridade pastoral dos bispos é um grave pecado. A nação que caiu nessa desgraça não pode ter a proteção divina. Para enfrentar essa situação Keble começou estudar a natureza da Igreja. Foi por isso que o movimento concentrou-se na cláusula sobre a Igreja no Credo.

Em vários movimentos há ironia e ambigüidade. O discurso inicial em Oxford, nos mostra essa ambigüidade. O que motivou o protesto de Keble foi uma mudança legislativa que envolvia a Igreja na Irlanda, oficial, porém minoritária. Havia coleta de impostos para a Igreja oficial na Inglaterra e Irlanda. Na Irlanda houve muitas reclamações contra esse imposto, porque a maioria católica romana recolhia o tributo para uma outra Igreja, considerada oficial. Diante das pressões os políticos agiram para tomar medidas necessárias a fim de que a maioria fosse liberada desse imposto. Isso resultou na diminuição de dez bispados. Os políticos responsáveis por essas medidas foram Whig.

Keble, Pusey, Newman e outros líderes eram intelectuais e escreviam para os clérigos e não para o povo nas paróquias. Mais tarde o movimento alcançou as paróquias. Moorman observa que eles falavam muito em ritos e cerimoniais litúrgicos, mas na prática eram conservadores. Esses líderes celebravam com batina e sobrepeliz. As cores litúrgicas, e as cerimônias vieram mais tarde, das próprias paróquias quando muito do que eles ensinavam veio a ser praticado.

Os panfletários reafirmaram a independência da Igreja quando os liberais pretendiam reformar a Igreja e a sociedade. Eles defenderam o episcopado em sua sucessão histórica como sendo a essência da Igreja. Eles engrandeceram o ministério ordenado como representação de Cristo na Igreja. Em poucas palavras, a Igreja deve ser governada por aqueles que foram autorizadas apostolicamente e estes devem agir em continuidade com os apóstolos, e não como administradores de sociedades e organizações do mundo. Assim, o conceito da Igreja como criação divina, os sacramentos, o ministério e a

espiritualidade foram enaltecidos. Houve trabalho nas favelas de Londres. O que faltou ao movimento foi a visão e instrumento críticos para perceber que a Revelação foi mediada por pessoas e instituições histórica e sociologicamente condicionadas. É importante perceber que tanto o Movimento de Oxford quanto o Movimento Evangélico estavam reagindo contra a influência do mundo na Igreja e contra os teólogos liberais em diálogo com as ciências. Mais tarde surgiram os católicos liberais e evangélicos liberais.

### High Church

Também tinha inspiração semelhante o movimento da "Alta Igreja" ou *High Church* (concepção católica da Igreja) associado com o movimento da restauração, isto é, o retorno do rei Carlos II ao trono inglês em 1660 e conseqüentemente, a restauração da Igreja da Inglaterra como a Igreja oficial do Reino. Em outras palavras, os movimentos eclesiais estavam no bojo dos conflitos internos, e também externos da Inglaterra e não ficaram à margem da sociedade, mas procuraram influir na vida nacional. Por sua vez, o Estabelecimento não deixou de usar a Igreja para seus fins. O caminho é sempre de duas mãos. O ponto importante a destacar é o processo lento e penoso da aprendizagem da tolerância e da via média que começa ocorrer nesse contexto. Trata-se de algo inacabado e de fragilidade como um tesouro em vasos de barro, na expressão paulina.

Também deve-se destacar o conflito entre o trono e o parlamento, entre a Igreja e a monarca, o surgimento de dissidentes e seu reconhecimento. A aprendizagem nesse contexto contribuiu para a formação anglicana com seus pontos fortes e fracos.

O surgimento da Comunhão Anglicana expressa na 1ª Conferência de Lambeth tem como seu antecedente histórico o panorama da vida na Inglaterra do século XVIII.

### Ensaio e resenhas (1860)

Antes de chegarmos à 1ª Conferência de Lambeth (1867) temos de descrever ligeiramente uma coleção de sete ensaios, que encetaram conflitos na Igreja da Inglaterra e em outras Igrejas da Comunhão Anglicana. A maioria dos panfletários e evangélicos era conservadora. Ainda não se dispunha de uma visão crítica da Bíblia e das instituições como foi dito acima. O surgimento de *Ensaio e Resenhas* foi precedido pela publicação da obra de Darwin, *Origens das Espécies* (1859). Essa obra pôs muitos clérigos em grande agitação. Pois a teoria da evolução colocou em dificuldade a leitura não poética

do Livro de Gênesis ou da primeira cláusula do Credo. Na visão deles a obra de Darwin diminuiu o espaço para milagres. Na verdade, os clérigos que se apavoravam com a teoria da evolução e as descobertas das ciências não puderam entender que os cientistas estavam em busca da verdade. Faltou serenidade e muitos tomavam partido sem discernimento e escreviam panfletos que em nada contribuíram. Consta que Disraeli, numa sociedade diocesana de Oxford, em 1864, gritou: "a grande questão é esta: o homem é um macaco ou um anjo"? Alguém replicou: "estou ao lado dos anjos". Houve aplausos calorosos.

Nesse contexto, houve quem ficasse com a Bíblia e houve quem ficasse com os cientistas. Esse era o clima na época em que surgiu a obra *Ensaio e Resenhas* com críticas às leituras tradicionais a-críticas da Bíblia. Pode-se imaginar a situação daqueles que se apegaram à Bíblia como a Palavra que caiu do céu e não como a Palavra que se ouviu por meio das palavras humanas com suas limitações culturais e históricas. Lá fora os cientistas. Dentro da Igreja, os teólogos que, na visão dos clérigos tradicionalistas, solapavam a autoridade da Bíblia. Por isso, logo que os *Ensaio* foram lidos, os bispos se reuniram e escreveram um documento contra o livro. Houve um abaixo assinado contra os autores subscritos por 11.000 clérigos e 137.000 leigos.

Foi nesse contexto que entrou no cenário o Bispo J.W. Colenso da diocese de Natal, criada em 1853, no Sul da África. Ele foi o pivô da convocação da primeira Conferência de Lambeth. Era um matemático muito conhecido em Cambridge. Como Bispo de Natal, Colenso escreveu *Comentários sobre a Carta aos Romanos, Introdução ao Pentateuco e Josué*. Fez uso da matemática e estatística e chegou à conclusão de que essas obras surgiram numa época muito diferente da que se pensava. E sua conclusão (que em nada nos estremeceria hoje) foi: a Bíblia enquanto Bíblia não é a Palavra de Deus, mas com toda a certeza a Palavra de Deus será ouvida na Bíblia. O conhecimento que Cristo tinha não era maior do que o de um judeu educado de seu tempo.

Essas declarações deixaram os bispos tradicionalistas apavorados. Colenso foi censurado e deposto. Naturalmente, seus amigos o defendiam e seus adversários o atacavam. Houve não só debates e controvérsias, mas movimentos para revogar a deposição dele. Para revogá-la, era preciso que houvesse um tribunal superior de apelação acima do tribunal da Província do Sul da África. Os simpatizantes do Colenso não estavam limitados aos ingleses de Cambridge e Oxford, mas encontravam-se também em outras Igrejas da Comunhão Anglicana. Para se ter um tribunal superior de apelação seria preciso um organismo legislativo superior aos sínodos gerais das Igrejas da Comunhão Anglicana. Houve muita troca de correspondência entre os bispos e com o Arcebispo de Cantuária. Chegou-se à conclusão de que não haveria um Sínodo Geral da Comunhão Anglicana, mas sim uma Conferência dos Bispos diocesanos. Diga-se de passagem que a Diocese de Natal revogou, post-mortem, a deposição do Colenso.

Para situar o surgimento da 1ª Conferência de Lambeth é preciso fazer breves referências a um agrupamento maior dos anglicanos do que movimentos, e escolas de teologia. Trata-se de Províncias ou Igrejas Nacionais ou Regionais como a Igreja Episcopal nos Estados Unidos, a Igreja do Sul da África, etc.

A Igreja Episcopal nos Estados Unidos (Episcopal Protestante nos Estados Unidos, inicialmente) foi a primeira tentativa do anglicanismo adaptar-se a uma nova situação. Devido à independência dos Estados Unidos o comportamento da Igreja em relação ao Estado tinha de ser outro. Os fundadores do Estados Unidos não pensaram numa Igreja oficial. Havia muitas Igrejas em ação. Além disso, entre os anglicanos havia clérigos fieis ao Rei da Inglaterra. Muitos deles voltaram à Inglaterra ou migraram para o Canadá. Por outro lado, havia membros da Igreja Anglicana entre os fundadores da República. O primeiro presidente, George Washington era membro fiel da Igreja Episcopal. Em Alexandria há a Paróquia de Cristo, onde Washington foi professor de Escola Dominical.

Era, também, uma Igreja sem bispos, porque os bispos vinham da Inglaterra para suas ministrações. Aqui a relação entre Igreja e Estado na Inglaterra influenciou nas questões pastorais, quando a nova Igreja necessitou ter seus bispos. Os bispos da Inglaterra não estavam dispostos a ordenar americanos para o episcopado. Como poderiam eles ordenar clérigos considerados rebeldes do ponto de vista dos ingleses? Assim, o primeiro bispo americano foi sagrado pelos bispos escoceses em Aberdeen, em 1784. Samuel Seabury era seu nome.

Em muitos pontos a nova Igreja aceitou o *Livro de Oração Comum* inglês. É claro que, desde o início foi exigido da Igreja o exercício da distinção entre o essencial e não-essencial. Por exemplo, a forma como se exerce o episcopado se distingue do próprio episcopado. Aliás isso já estava nos 39 Artigos. Orar pelos reis não era essencial. Isso pode ser substituído por uma oração pelo povo, pela nação e por aqueles que exercem todos os tipos de autoridade e trabalham pelo povo. É bíblico orar por eles e esse ato revela que não se trata de uma comunidade sectária.

Na Eucaristia, por causa de Seabury, foi incorporado o rito escocês, isto é, a tradição oriental (antioquena) de colocar a epíclese após a anamnese ou memorial. Em outras palavras, a Igreja teve de enfrentar os desafios da continuidade e descontinuidade.

Nada foi muito harmonioso. Houve segmentos na Igreja que não desejavam a participação do laicato nas decisões sinodais. Estes eram de Connecticut, da Nova Inglaterra e queriam um episcopado forte. Havia outros liderados por William White, bispo sagrado pelos ingleses depois de Seabury na Escócia. O plano deste se denominou de Federal e dava mais peso ao presbiterado e laicato. Ele buscou a participação leiga no governo da Igreja na Igreja Primitiva e na experiência política da Inglaterra, isto é, no modelo de duas Câmaras onde os leigos tomavam parte nas medidas referentes à Igreja.

Essas duas tendências chegaram a um entendimento. E isso resultou na criação da Câmara dos Bispos e na Câmara dos Presbíteros e Leigos. Inicialmente, a Câmara dos Bispos não podia tomar iniciativas na legislação, mas cabia a ela o poder de veto, o qual só poderia ser derrubado com 3/5 da Convenção. Mas no fim da Convenção de 1789, houve a resolução de que a Câmara dos Bispos tem o direito de iniciar a legislação e seu veto só poderia ser derrubado por 4/5 da Convenção. E tudo indica que as organizações como dioceses, Convenção Geral, as organizações diocesanas e de âmbito nacional visavam o crescimento das paróquias. Assim, dependendo das dioceses, a Igreja dos Estados Unidos pode dar a impressão de que as coisas estão centradas nas paróquias. Por outro lado, é costume das paróquias nos Estados Unidos reservarem uma cadeira para o bispo. Também houve sempre, dependendo da diocese, um alto conceito de episcopado. A média está num provérbio: "a grande arte de governar é não governar demais".

Também é preciso observar que, a começar com a Igreja nos Estados Unidos, surgiu a prática da autonomia das Províncias ou Igrejas Nacionais ou Regionais, baseada na prática da Igreja Primitiva.

Do mesmo modo, os bispos vieram a ser eleitos pelas respectivas dioceses. O Presidente do Sínodo foi eleito pelo Sínodo. Qualquer bispo diocesano poderia ser eleito Primaz e até hoje essa prática é seguida. Atualmente, o Bispo Presidente da Igreja nos Estados Unidos é liberado da diocese quando eleito. O espírito de "primeiro entre os pares", isto é, aquele que governa a Igreja com seus irmãos bispos, presbíteros e leigos vem, também, da tradição do Arcebispo de Cantuária. Esse espírito está expresso num documento de 1842 que diz que não agirá contra a maioria de seus irmãos. Trata-se do espírito de consulta e de colegialidade.

Em 1893 aconteceu o primeiro Sínodo Geral da Igreja do Canadá. Na Austrália, o primeiro Sínodo Geral foi convocado em 1872, porém a Igreja ali tornou-se autônoma só em 1962. O primeiro Sínodo Geral em Nova Zelândia foi convocado em 1852. Em 1862 os leigos começam a participar na eleição dos bispos. Em 1865 realizou-se o primeiro Sínodo Geral da Igreja na África do Sul. Em 1866, consta numa carta de 1864 de Channing Moore Williams, um samurai vinha à casa desse missionário todas as tardes para a leitura da Bíblia em chinês. Essa figura foi transferida para uma área longínqua de Tóquio para um alto cargo do governo feudal mas manteve contato com Williams e, quando soube em 1866, que Williams retornaria aos Estados Unidos foi batizado por ele. Nos anais da Igreja nos Estados Unidos esse samurai consta como o primeiro a ser batizado na Igreja no Japão.

Estes são acontecimentos, episódios e movimentos nas vésperas da 1ª Conferência de Lambeth (1867).

## **Bibliografia**

- CRAGG, G.R. *A Igreja e a Idade de Razão (1648-1789)* Série Pelicano.
- VIDLER, Alec R. *Igreja numa Era de Revolução*
- MOORMAN, J.R.H. *A History of the Church of England*, Londres: Adam and Charles Black, 1954
- KENT, John. *The Unacceptable Face - The Modern Church in the Eyes of the Historian*, SCM Press, 1987
- SYKES, S. e BOOTY, J. (editores) *The Study of Anglicanism*, SPCK, 1988